

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A HISTÓRIA DO
ENSINO DAS LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

Luís Alberto Marques Alves
Ausenda Babo
Luzia Blard
Maria Hermínia Amado Laurel
Daniel Coste
Sónia Duarte
Juan F. García Bascuñana
Monica Lupetti
Fernando Carmino Marques
Fátima Outeirinho
Alicia Piquer Desvaux
Rogelio Ponce de León Romeo
Maria José Salema

ORGANIZAÇÃO:

Sónia Duarte
Fátima Outeirinho
Rogelio Ponce de León

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

ORGANIZADORES

Sónia Duarte, Fátima Outeirinho, Rogelio Ponce de León

EDITOR

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

LOCAL

Porto

ANO DE EDIÇÃO 2014

CAPA José Osswald

CONCEPÇÃO GRÁFICA Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-8648-32-7

DEPÓSITO LEGAL 383201/14

TIRAGEM 150 exemplares

A teoria verbal nas duas edições portuenses da *Gramática inglesa* de José Urcullu: pistas para uma abordagem contrastiva do Português e do Espanhol

SÓNIA DUARTE

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Conforme informa Inocência Silva, no quinto volume do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, (2001 [1858-1923]: 149), José Urcullu foi um militar espanhol que, por motivos políticos, se refugiou em Portugal, onde casou e publicou parte da sua diversificada obra¹, da qual a vertente aqui em foco é parte minoritária. Com efeito, a sua obra gramatical consta apenas de uma gramática inglesa em versão para portugueses (com três edições, todas em território nacional) e em versão para espanhóis (com treze edições, dispersas pela Europa e América), segundo informação recolhida em Jenny Brumme (2005: 327-332). Da versão para espanhóis há uma única edição publicada em Portugal da qual aqui se tratará numa abordagem comparativa com a versão para portugueses.

O presente trabalho visa, portanto, o cotejo entre as duas edições portuenses: *Gramática Inglesa reducida a veinte y cinco lecciones* (Porto 1840) e *Grammatica Ingleza para uso dos portuguezes reduzida a vinte e sete lições* (Porto 1848)². Há entre estes textos uma estreita relação suportada pelo facto de que, não obstante os seus destinatários explícitos serem diferentes, de certa forma, o seu público é o mesmo, pois, ao serem editadas na mesma casa editorial (Typographia Commercial), na mesma cidade (Porto) e num intervalo de tempo bastante curto (oito anos), as duas gramáticas partilham um mesmo contexto de receção. Essa proximidade entre as obras e as implicações da mesma são assumidas pelo próprio autor, que justifica o aparecimento de uma segunda edição para portugueses como resultado do facto de a edição de 1840 para espanhóis ter suplantado qualitativa e quantitativamente a primeira edição para portugueses, datada de 1830³. De

¹ Esta diversidade é atestada na informação paratextual encontrada nas obras do autor e ainda no estudo de Jenny Brumme (2005: 327-332), no qual é possível encontrar uma enumeração exaustiva do conjunto da obra de Urcullu e respectiva localização.

² Da edição de 1848, foi consultado o exemplar conservado na Biblioteca Pública de Braga, com a cota L. 22, e, da edição de 1840, o exemplar guardado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota I-5-42.

³ O autor refere-se ao desejo de intervir sobre este texto no sentido de o melhorar para, em suas palavras, a “pôr ao nível da minha GRAMMATICA INGLEZA para uso

facto, a edição para o público espanhol teve um êxito editorial que ultrapassou largamente o da edição para portugueses: no ano de 1848, a edição para espanhóis contava já com oito edições reimpressas por várias vezes, enquanto que a edição para portugueses apenas contava com uma impressão da sua primeira edição. Acresce ainda que a edição para espanhóis apresenta, relativamente à de 1830, um mais elevado grau de desenvolvimento, situação que se procura compensar na edição para portugueses de 1848, onde se contam já trezentas e sessenta e três páginas organizadas em vinte e sete lições *versus* as duzentas e noventa e seis páginas organizadas em vinte e cinco lições, na edição anterior. Em palavras do autor, a edição de 1848 apresenta, relativamente à de 1830, as seguintes particularidades e vantagens:

A GRAMMATICA INGLEZA para uso dos Portuguezes, fica n'esta nova Edição dividida em três partes. Na parte grammatical tem-se feito alterações de bastante consideração tanto nas regras como nos exemplos. Uma lista alfabética das principaes partículas inglezas, accompanhada de numerosos exemplos; uma explicação de palavras latinas e francesas introduzidas na lingua ingleza, e mais de trezentas abreviaturas que usam os Inglezes na conversação e por escrito, distingue esta Edição da anterior (URCULLU 1848: V).

Pode assim concluir-se que, de certo modo, a edição de 1840 para espanhóis é o fator impulsionador da edição para portugueses de 1848, tal como, anteriormente, o sucesso da edição de 1825 para o público espanhol, já tinha estado na base da redação da primeira edição para portugueses, como, aliás, se lê no prólogo da mesma (URCULLU 1830: V)⁴.

Partindo desta ideia de que estas duas edições se encontram fortemente ligadas, procurar-se-á aqui desenvolver um estudo comparativo das mesmas, não para pôr em evidência o potencial contrastivo explícito (Espanhol/Inglês e Português/Inglês), mas sim o implícito (Português-Espanhol). Desta forma se tentará levar a cabo uma abordagem que contribua para recolher informação sobre uma área concreta da história dos estudos contrastivos que ainda hoje se revela particularmente carenciada e que é a que incide sobre as duas línguas ibéricas aqui em foco. Como é do conhecimento geral, no que concerne ao estudo das línguas modernas, os estudos contrastivos desenvolvem-se precisamente no século XIX enquadrados nas diferentes correntes linguísticas que marcam este período (SÁNCHEZ PÉREZ 1992: 193) e entre as quais importa aqui destacar a

dos Hespanhoes, da qual se tem feito *muitíssimas* edições em Londres, na América, em Barcelona, no Porto em 1840, em Cádiz em 1845 e no presente anno de 1848" (URCULLU 1848: V).

⁴ Para mais informação sobre a forma como se procedeu à revisão e ampliação da edição de 1830 através da edição de 1848, cf. DUARTE 2010: 149-150.

Gramática Comparada. Contudo, em relação ao foco contrastivo Português-Espanhol, a situação difere da que encontramos, por exemplo, nos estudos contrastivos anglo-castelhanos ou mesmo anglo-lusitanos, sobre cujos antecedentes já escreveram outros autores (CARDIM 1929 1931; TORRE 1985). No caso das duas línguas ibéricas, assiste-se a uma situação carencial que, guardadas as distâncias, ainda marca a atualidade⁵. Neste contexto de escassez de estudos contrastivos entre as duas línguas, revela-se útil, para os estudos historiográficos, rentabilizar a informação encontrada a este respeito em materiais com diferente orientação em termos de foco contrastivo. É a essa luz que este trabalho se aproxima das duas gramáticas de José Urcullu aqui em estudo, destacando determinados traços contrastivos entre as duas línguas aos quais se pudesse chegar isolando aqueles que não são partilhados por ambas no contraste com o Inglês.

Não descurando o facto de as duas versões desta gramática estarem imbuídas de motivações e propósitos marcadamente didáticos, bem como marcadas por pressupostos metodológicos igualmente merecedores de análise, neste estudo, o foco de atenção orientar-se-á para a teoria gramatical e, mais especificamente, para a teoria verbal, em resultado de ser esta a matéria que o texto parece destacar, quer pelo número de páginas que lhe é dedicado, quer pelas considerações que tece sobre a dificuldade que a esta mesma matéria oferece.

No âmbito da teoria gramatical, observando a proporção entre as considerações de carácter sintático e as de carácter morfológico, é notório que, como era comum na tradição gramatical hispânica⁶, a sintaxe é relegada nas duas

⁵ Sobre esta escassez e/ou sobre as razões da mesma existem já vários estudos (MESSNER inédito; ÁLVAREZ 2005: 39; SALAS 2005: 799-801; PONCE DE LEÓN & DUARTE 2005: 373-375; PONCE DE LEÓN 2005: 675-676, inédito, 2007: 59-60; GARCÍA MARTÍN & SERRA 2007: 272-274 e 287-292; DUARTE 2008: V-X).

⁶ Tal é o que demonstra Gema Garrido Vílchez, na sua tese de doutoramento, conforme se transcreve seguidamente. “Hemos visto (cf. capítulo 4) que la GRAE defiende una concepción de la disciplina más morfológica que sintáctica. La propia Institución reconoce en los prólogos de algunas ediciones de la GRAE la mayor atención prestada al apartado de Analogía frente al de Sintaxis, y da las razones de este proceder: “se ha dado á la primera parte, esto es, á la Analogía, más extension que á la segunda, ó sea á la Sintaxis, porque en aquella están las más notables anomalías, y por consiguiente las mayores dificultades del castellano”(GRAE-1854: IX y GRAE-1858: VI). En este tratamiento desigual de las materias relativas a las categorías verbales (materia privilegiada) y a la sintaxis (materia relegada a segundo plano), los textos académicos no constituyen excepción ni dentro de nuestra tradición ni fuera del ámbito hispánico [...]. En efecto, hasta el siglo XIX (excluidas contadas excepciones del ochocientos [...]), la sintaxis es poco atendida en nuestros tratados de Gramática” (GARRIDO VÍLCHEZ 2008: 324-325).

edições. Tal é o que, abaixo, se pode observar no quadro 1, onde se apresenta a estrutura tripartida do texto. Com efeito, depois de algumas considerações sobre pronúncia e ortografia, ambas as obras se orientam para a análise das partes da oração, realizando acerca das mesmas considerações de caráter predominantemente morfológico. O referido quadro ilustra o peso de cada parte relativamente às outras e particularmente o peso das secções respeitantes ao verbo relativamente à totalidade da obra (sem considerar os textos preliminares).

Quadro 1

	1840	1848
Pronúncia e ortografia	21 páginas (pp. XVIII-XXXIX)	20 páginas (pp. 1-21)
morfologia	122 páginas, num total de 272 (pp. XIV-XVIII e 1-118)	162 páginas, num total de 363 (pp. 22-184)
material complementar	123 páginas (pp. 149-272)	142 páginas (pp. 221-363)
teoria verbal	49 páginas (pp. 54 a 103) + 77 de material complementar: – <i>Vocabulario de los adverbios, adjetivos, verbos, y nombres más usados para empezar a hablar inglés</i> (pp. 154-157). – <i>Lista de los verbos que rigen diferentes preposiciones que en Castellano</i> (pp. 197-270) TOTAL: 126 páginas	67 páginas (pp. 99 a 174) + 77 de material complementar: – <i>Ejercicios para pôr em prática as lições anteriores</i> (pp. 205-216) – <i>Lista de mais de quinhentos e cincoenta verbos ingleses com as particulas que os acompañão</i> (pp. 314-357) – <i>Vocabulario dos adverbios, adjectivos, verbos e nomes mais usados para começar a fallar inglez</i> (pp.229-234) TOTAL: 144 páginas

No que toca à perceção da relevância e complexidade do verbo, observe-se como e por que razão em cada uma das edições se acentuou o investimento nesta categoria relativamente à edição precedente com a mesma orientação em termos do público-alvo. A edição de 1840 apresenta, relativamente à anterior em vinte e duas lições (Nova lorque, 1839), uma ampliação no número de lições em que se encontra organizada, o que tem, naturalmente, implicações no tratamento da matéria gramatical, conforme põe de manifesto o próprio autor na *Advertencia sobre esta nueva edición* (o sublinhado é meu).

Divido ahora la Gramática en XXV Lecciones en lugar de XXII, *por haber introducido nuevas reglas, y dado mayor extensión á otras*. Por ejemplo, es nueva

enteramente la Lección IX: la doctrina de la Lección XVIII exija una explicacion mas detenida, *para tratar con la debida claridad, uno de los puntos más difíciles de la lengua inglesa* (URCULLU 1840: VII).

Uma das lições que sofre alterações significativas, e para as quais Urcullu chama a atenção neste ponto, é precisamente a relativa ao uso dos verbos ingleses (Lección XVIII). A razão para tal intervenção é, como esclarece o autor no mesmo lugar, a complexidade e dificuldade deste tema. No prólogo à primeira edição recuperado na de 1840 (pp. IX-XII), Urcullu, para além de justificar as opções metodológicas e teóricas mais controversas⁷, chama ainda a atenção para aquilo que considera mais valioso do ponto de vista do seu contributo relativamente ao dos autores que o precederam e entre o que se destaca, no âmbito deste trabalho, a lista alfabética dos verbos e preposições por eles regidas e ilustrada com exemplos, a qual, na edição de 1848, sobressai também entre as alterações sublinhadas pelo próprio autor (URCULLU 1848: V). Sublinhe-se ainda que, da primeira para a segunda edição para portugueses, regista-se uma ampliação dos capítulos dedicados ao verbo, através da adição de dois capítulos sobre os verbos auxiliares “to be” e “to have” (capítulos XVI e XVII respetivamente), de mais um capítulo (o XXI) complementando a lição sobre os usos dos diferentes verbos ingleses e da introdução de dois capítulos (XXV e XXVI) sobre a sintaxe dos referidos verbos, capítulos esses que aparecem em lugar do capítulo único que, na edição de 1830, se intitula “Varias Observações sobre os Verbos”.

Começaremos por uma abordagem do ponto de vista da gramática geral, já que, não obstante orientada para o ensino da língua estrangeira, a gramática de Urcullu revela preocupações teóricas das quais são exemplo as passagens, seguidamente transcritas, dedicadas à definição, acidentes e tipologia verbais.

El *verbo* es una palabra que expresa accion, estado, acto, relativamente á personas, tiempo y modo; tiene personas, modos, y tiempos

Los verbos tienen dos *números*, singular y plural, y cada número tres personas.

Hay varias clases de verbos; a saber: *activo, pasivo, neutro, reflexivo ó reciproco, defectivo é impersonal* (URCULLU 1840: XVI-XVII).

⁷ São estas as seguintes: a opção pela não inclusão de um capítulo especificamente sobre a pronúncia inglesa (justificada por razões didáticas, dado o autor só conferir eficácia a um modelo “de viva voz”); a omissão de um tratado de versificação (justificada por razões pragmáticas, dado tal se tornar redundante perante a existência de materiais mais adequados para o efeito); a inclusão de diálogo e nomenclatura orientados para a ilustração dos casos mais comuns entre as diferentes classes de palavras (justificada por razões didáticas suportadas pela sua própria experiência como aprendente).

O verbo é uma palavra, cujo uso principal é afirmar: tem pessoas, modos, e tempos. Na oração, *a virtude é amavel*, afirma-se que a qualidade *amavel* pertence á *virtude*.

Os verbos tem *dous numeros*, singular e plural; e cada número tres pessoas. Ha varias classes de verbos; a saber: *activo, passivo, neutro, reflexivo, ou reciproco, defectivo, e impessoal* (URCULLU 1848: 23)

Comparando o disposto a este respeito nas duas gramáticas, podemos observar um quase decalque no que se refere à consideração das diferentes classes de verbos e dos acidentes verbais. O que particulariza uma gramática relativamente à outra é o próprio conceito de verbo, que, se bem que conciliando em ambos os casos traços formais e traços semânticos⁸ e não diferindo relativamente aos formais (tempos, modos, pessoas, número), por outro lado, apresenta diferenças significativas relativamente aos traços semânticos. Enquanto que a edição de 1840 segue a linha conceptual do discurso académico posterior a 1796, no qual predominam, segundo Mercedes Quilis (2006: 1325-1326), os conceitos de “ação” e “estado”, por outro lado, a edição de 1848 constrói a definição de verbo com base no conceito de “afirmação” presente nas edições da *GRAE* de 1771 e 1796. Como evidencia José Gómez Asencio (1981: 189), tal marca semântica (a afirmação) denuncia um determinado enquadramento teórico, pois caracteriza a definição de verbo na generalidade do discurso gramatical de entre finais do século XVIII e meados do século XIX conotado com o pensamento racionalista de Port-Royal.

A mesma sintonia geral entre as duas gramáticas se observa relativamente às subclasses verbais –*ativo, passivo, neutro* ou *intransitivo, reflexivo, ou reciproco*, ou *pronominal, defetivo e impessoal, ou unipessoal*, para além, da classificação paralela em *regulares e irregulares*⁹, conforme observável no quadro 2.

⁸ A esta combinatória de traços formais e semânticos assiste um carácter eclético, já comentado noutra lugar (DUARTE 2010: 153) a respeito da edição de 1848. Se bem que, como evidencia Mercedes Quilis (2005: 1234), a tradição da Academia espanhola arranca com uma definição de verbo marcadamente formal, a verdade é que a mesma evolui no sentido inverso, acabando por dar predominância, em meados do século XIX, aos traços semânticos (ASENCIO 1981: 186; QUILIS 2005: 1234-1235). A esta luz, para o enquadramento de Urcullu nas ideias linguísticas do seu tempo, parece significativo que a vertente semântica da definição proposta por si seja não só a primeira na ordenação da mesma como também a mais presente, pois é a única que tem ilustração em exemplos concretos.

⁹ Não se incidirá aqui sobre esta última proposta (*regulares e irregulares*), já que, tanto segundo Mercedes (2006: 1327) como José Gómez Asencio (1985: 95), esta proposta de base morfológica praticamente não provocou dissensão entre os gramáticos.

Quadro 2

1840	1848
<p><i>Verbo activo</i> es aquel cuya accion y significacion abraza otro objeto, que es su término, con preposición ó sin ella, como: amar á Dios; aborrecer el vicio. El objeto de esta accion se llama <i>régimen</i>. Tambien se puede decir que espresa una accion que pasa del <i>ajente</i> al <i>paciente</i>, y en este caso se llama <i>transitivo</i>.</p> <ul style="list-style-type: none"> – El <i>verbo pasivo</i> espresa sufrimiento ó recepcion de una accion del <i>ajente</i>, como: <i>el ladron será castigado por la Justicia</i>. La forma pasiva es suplida en nuestra lengua por el verbo Ser. – El <i>verbo neutro</i> ó <i>intransitivo</i> es aquel cuya accion ó significación no pasa á otra cosa; es decir que no admite sustantivo despues de él; como: <i>el niño duerme</i>: no tiene <i>régimen</i> como el <i>activo</i>. – El <i>reflexivo</i>, <i>recíproco</i> ó <i>pronominal</i> es el que se conjuga con dobles pronombres personales en todos sus tiempos; como: <i>yo me arrepiento</i>, &c. – El <i>defectivo</i> es aquel á quien faltan algunos tiempos ó personas, que el uso no admite; como: <i>plugo</i>, <i>pluguiera</i>, <i>placer</i>, <i>yacer</i>, &c. – El <i>impersonal</i>, ó <i>unipersonal</i> es el que solo se emplea en las terceras personas del singular; como: <i>llueve</i>, <i>tronó</i>, <i>amanecerá</i>. <p style="text-align: right;">(pp. XVI-XVII)</p>	<p><i>Verbo activo</i> é aquella, cuja acção, e significação passa a outra cousa, que é o termo, com preposição ou sem ella; como: <i>amar a Deos</i>; <i>aborrecer o vicio</i>: o objecto desta acção chama-se <i>regime</i>. Tambem pode dizer-se, que expressa uma acção que passa do <i>agente</i> ao <i>paciente</i>, e neste caso chama-se <i>transitivo</i>.</p> <ul style="list-style-type: none"> – O <i>verbo passivo</i> expressa soffrimento ou recepção d’uma acção do agente; como: <i>o ladrão será castigado pela Justiça</i>. – O <i>verbo neutro</i> ou <i>intransitivo</i> é aquella, cuja acção ou significação não passa a outra cousa; isto é: que não admite substantivo depois d’elle; como: <i>a creança dorme</i>: não tem <i>regime</i> como o <i>activo</i>. – O <i>reflexivo</i>, ou <i>recíproco</i>, ou <i>pronominal</i> é aquella, que se conjuga com dobrados pronomes pessoaes em todos os seus tempos; como: <i>eu me visto</i>, etc. – O <i>defectivo</i> é aquella, a quem faltão alguns tempos ou pessoas, que o uso não admite; como os verbos <i>Prazer</i>, <i>Feder</i>, etc. – O <i>impessoal</i>, ou <i>unipessoal</i> é aquella, que não se emprega senão nas terceras pessoas do singular, como: <i>chove</i>, <i>troveja</i> etc.” <p style="text-align: right;">(pp. 23-24)</p>

No que respeita à primeira proposta, observa-se que há classes cuja definição assenta em critérios exclusivamente formais (as três últimas: *reflexivo*, *defetivo* e *impessoal*), enquanto outras (as cinco restantes) conciliam critérios formais (morfossintáticos) com critérios semânticos. Procurando integrar esta proposta no quadro da tradição precedente, concluímos, segundo os dados apresentados por Mercedes Quilis (2006: 1327), que, no que respeita aos critérios usados para identificar os verbos impessoais, Urcullu segue a tendência predominante. Com efeito, a respeito dos verbos impessoais, a autora em questão observa que as definições por si consultadas evidenciam, no seu conjunto, a preponderância dos traços formais. Já a classificação dos verbos

em *ativos*, *passivos* e *neutros*, na opinião da mesma investigadora, assenta em traços semânticos, distanciando-se, portanto, do ecletismo observável em Urcullu. Tanto neste caso, como no caso da classificação em *pronominais* e *recíprocos* (ou *reflexivos*), a proposta de Urcullu tem uma formulação que veio a ser superada, por um lado, no sentido da sua substituição (dos *passivos*, *ativos* e *neutros* por *transitivos* e *intransitivos*) e, por outro, no da sua diferenciação (no caso dos *pronominais*, *recíprocos* ou *reflexivos*). Observe-se, em último lugar, que o desvio à classificação em verbos substantivos e verbos adjetivos afasta a proposta classificatória de Urcullu da seguida pelos gramáticos de Port-Royal.

Seguidamente tratar-se-á já dos aspetos particulares que, do ponto de vista da gramática de cada língua (espanhola, portuguesa e inglesa), revelam maior potencial contrastivo e que se encontram sintetizados no quadro 3.

Quadro 3

	1840	1848
1. Gerúndio	<p>“Veo un hombre cortando leña, ó que corta leña” (p. 78).</p> <p>“I am calling, yo llamo, ó yo estoy llamando” (p. 80).</p>	<p>“Vejo um homem a <i>cortar</i>, <i>cortando</i> ou <i>que corta</i> lenha” (p. 122).</p> <p>“I am calling, eu chamo, ou eu estou a chamar” (p. 124).</p>
2. Pretérito Perfeito	<p>“I have had, yo he tenido” (p. 52, n. *).</p> <p>“I had, yo había ó tenía, hube, ó tuve” (p. 54).</p> <p>He sufrido mis pesares con paciencia y él no ha sufrido los suyos con la misma resignacion (p. 138).</p>	<p>“I have had, eu tenho tido” (p. 99).</p> <p>“I had, eu tinha ou tive” (p. 100).</p> <p>“Eu tenho sofrido meus pesares com paciencia e elle não tem soffrido os seus com a mesma resignação (pp. 208-209).</p>
3. Colocação pronominal	<p>“Yo me lisonjeo” (p. 85).</p> <p>“El nos guió por la senda de la virtud” (p. 139).</p> <p>“Tú le lhearás mi respuesta” (p. 138).</p>	<p>“Eu me lisonjeio” (p.143”)</p> <p>“Elle guiou-nos pelo trilho da virtude” (p. 209).</p> <p>“Tu levar-lhe-has a minha resposta” (p. 208).</p>
4. Os auxiliares “ter/haver”	<p>“La naturaleza parecia haber dispuesto que las necedades de los hombres fuesen pasajeras” (p. 135)</p>	<p>“A natureza parecia ter disposto que as tolices dos homens fossem passageiras”.</p>

5. Formas de tratamento	“Nosotros principiamos ayer nuestro ejercicio, y Vds. (todavía no han) principiado el suyo (p. 138) “Me levanté antes que Vds. se hubiesen levantado” (p. 139).	“Nós principiámos hontem nosso exercício, e vós [ainda não tendes] principiado o vosso” (p. 209). Levantei-me antes que Vms. se tivessem levantado” (p. 210).
6. Admissão de dativo ético	“Fui á su casa, y él se había ido á la comedia” (p. 139).	“Eu fui a sua casa, e elle tinha ido á comedia” (p. 209).
7. Infinitivo pessoal	“Si el azote de la guerra es necesario, no es menester aborrecernos, no es preciso devorarnos unos à otros en medio de la paz” (p. 140).	“Se o açoute de guerra é necessario, não é preciso aborrecermo-nos, não é necessario devorarmo-nos uns aos outros no meio da paz” (p. 211).

Será conveniente diferenciar primeiro as duas situações em que esta informação foi recolhida: por um lado, os comentários de índole gramatical e, por outro, a matéria linguística que ilustra esses mesmos comentários através de exemplos apresentados. Parece importante fazer esta diferenciação, dado que o seu valor não se afigura o mesmo para aferir a implícita consciência de Urcullu acerca do contraste entre o Português e o Espanhol. Dado que as situações comentadas pelo autor são as que têm, a esta luz, mais significado, serão elas as que serão aqui tratadas em primeiro lugar.

Entre estas está a questão do uso dos tempos verbais, destacando-se, neste âmbito, as notas sobre o gerúndio e o pretérito perfeito. As duas versões em estudo partilham a ideia de que, na língua inglesa, o gerúndio substitui frequentemente, na portuguesa e espanhola, o gerúndio, o infinitivo e vários tempos verbais precedidos de “que”. No entanto, conforme se pode observar no ponto 1 do quadro 3, só na edição para portugueses se admite a estrutura perifrástica com o verbo “ir” e o infinitivo. Esta particularidade do Português torna-se ainda evidente a propósito dos diferentes “presentes” do indicativo ingleses, quando, a respeito do “terceiro presente do indicativo”, a referida estrutura perifrástica volta a surgir como possibilidade de tradução do mesmo, tal como é ilustrado no mesmo ponto do referido quadro. Em relação ao pretérito perfeito, há a registar diferenças entre a versão espanhola e a portuguesa, quando se trata do uso dos verbos auxiliares na formação dos tempos compostos. Como se pode ver no ponto 2 do mesmo quadro, na tradução do “present perfect”, a correspondência observável em Espanhol e Inglês entre a forma simples e composta do pretérito não tem paralelo no Português.

Relativamente à colocação dos pronomes face ao verbo, na edição de 1840, Urcullu alerta para o facto de, em Inglês, os reflexivos surgirem em posição

enclítica, contrariamente ao que acontece, por norma, no Espanhol, conforme se ilustra no ponto 3 do mesmo quadro, relativamente ao verbo “lisonjear”. Na edição de 1848, o autor não comenta esta situação, mas apresenta o paradigma do mesmo verbo com o pronome anteposto e, nos exercícios de tradução propostos, tal como também se indicia no mesmo ponto do quadro, a preferência pela próclise é contrariada por vários exemplos em que o autor faz corresponder a colocação proclítica em Espanhol à enclítica em Português. A frequência do recurso à ênclise nestas situações aponta para a consciência do potencial contrastivo deste facto linguístico. Outra situação que não é comentada – mas cujo valor contrastivo é dedutível a partir dos exemplos de tradução – é ainda o caso do mesoclítico, ilustrado também no mesmo ponto do quadro.

No tocante ao regime verbal, o contraste entre o levantamento das situações apresentadas como de relevo contrastivo com o Inglês permite, em alguns casos, deduzir as situações relevantes para o contraste Português-Espanhol; noutros casos, contudo, a tradução do Inglês não encontra em Português e Espanhol os mesmos resultados, ou seja, o mesmo verbo. Perante esta disparidade, não se efetuou aqui o levantamento dessas situações, dadas as implicações teórico-práticas desse levantamento: desvio da perspectiva para o tratamento das opções de tradução e extensão do *corpus* em análise, o qual por si só seria merecedor de estudo próprio.

Para além desta informação recolhida a partir dos comentários gramaticais, foram ainda considerados, como já foi dito, os textos propostos para prática de tradução das matérias relativas ao verbo (1840: 135-145; 1848: 205-216), os quais são coincidentes na sua quase totalidade, permitindo-nos confirmar situações anteriormente descritas (como no caso do pretérito perfeito e da colocação pronominal) e recolher outros dados de elevado potencial contrastivo entre as duas línguas em foco – dados esses que procurámos apresentar nos pontos 4 a 7 do quadro:

- no ponto 4, ilustra-se a preferência pelo verbo auxiliar “ter” sobre o “haver”, não obstante no paradigma que figura na gramática para portugueses (1848: 99) os dois surgirem pontualmente como equivalentes. Há igualmente indícios desta situação nos pontos 2 e 6 do quadro.
- no ponto 5, dá-se conta da correspondência entre o recurso, em Espanhol, à terceira pessoa do plural e o recurso, em Português, à segunda do plural, no contexto de uma situação formal.
- no ponto 6, aponta-se para a admissão diferenciada do dativo ético nas mesmas formas verbais.
- no ponto 7, recolhe-se uma das possibilidades de tradução em Espanhol do idiossincrático infinitivo pessoal português, pese embora também se dar conta, no Português, do uso da terceira pessoa no mesmo contexto.

Será pertinente alertar para a necessidade de relativizar os dados recolhidos, sobre a língua portuguesa, dado o facto de não ser esta a língua materna do autor, cuja interlíngua apresenta, pontualmente, interferências do Espanhol, matéria que, aliás, se revela também significativa do ponto de vista de uma abordagem contrastiva das línguas em foco, bem como do ponto de vista da abordagem das contradições entre o discurso gramatical e a prática discursiva. Tal, contudo, não foi aqui tratado, por se considerar merecedor de estudo autónomo¹⁰.

Finalmente, refira-se que, com este trabalho, se espera ter contribuído para realçar o papel implícito de José Urcullu como mediador entre o Português e o Espanhol e o valor do seu trabalho para informar os estudos contrastivos entre as duas línguas.

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, Eloísa. 2005. “Decadencia de la lengua española, primeras gramáticas para luso-hablantes y comienzos de la enseñanza de esta literatura en la Universidad de Coimbra” in Luís Filipe Teixeira; Maria José Salema & Ana Clara Santos (org.), *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República. Actas do II Colóquio da A.P.H.E.L.L.E.* Coimbra: A.P.H.E.L.L.E. 39-56.
- BRUMME, Jenny. 2006. “Las lecciones de moral, virtud y urbanidad de José de Urcullu”. In A. Roldán Pérez et al. (ed.), *Caminos actuales de la historiografía lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Murcia: Universidad de Murcia. 319-332.
- CARDIM, Luís. 1929. “Portuguese-english Grammarians and the History of the english Sounds”, in *Estudos de Literatura e de Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 159-205.
- . 1931. “Gramáticas anglo-castelhanas e castelhano-ânglicas (1586-1828)”, Separata de *O Instituto*. vol. 81.^o. n.º 2.
- DUARTE, Sónia. 2008. *O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da Grammatica Hespanhola para uso dos portugueses*. Tese de Mestrado, Departamento de Linguística e Literaturas, Universidade de Évora.

¹⁰ Relativamente ao conhecimento da língua inglesa por parte de José de Urcullu, encontramos informação no prólogo da primeira edição para espanhóis recuperado no da edição aqui em estudo. Segundo o aí exposto, quando, por motivos políticos, o autor parte para Inglaterra, tinha já adquirido as primeiras noções da língua em Espanha. Depois de uma primeira estadia em Londres, ter-se-á dirigido a Lewisham, especificamente com o propósito de aprofundar os seus conhecimentos daquela, o que levou a cabo num contexto de instrução formal: “Después de haber satisfecho en Londres la curiosidad propia de todo extranjero, viendo cuanto estaba à mi alcance, me retiré con el designio que llevo dicho [instruirme en la lengua inglesa], á un pueblecito de sus inmediaciones. Encerrado en una de estas casas de educacion, llamadas comunmente Academias, rodeado de libros elementales, propios para el estudio a que iba a dedicarme, solo pensé en aprender el inglés lo más pronto que me fuese posible” (URCULLU 1840: IX).

- . 2010. “Aspectos da teoria verbal na *Grammatica Inglesa para uso dos Portuguezes* de José Urcullu (Porto 1848)” in Ana Maria Brito (org.), *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras. 147-158.
- GARCÍA MARTÍN, Ana María & SERRA, Pedro. 2007. “Lengua, Nación, Imperio (1801-1900)” in Gabriel Magalhães (coord.), *RELIPES – Relações linguística e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do Século XIX até à actualidade*. Covilhã/Salamanca: UBI/Celya. 263-329.
- GARRIDO VÍLCHEZ, Gema. 2008. *Las “Gramáticas” de la Real Academia Española: teoría gramatical, sintaxis y subordinación (1854-1924)*. Tese de doutoramento. Universidade de Salamanca.
- GÓMEZ ASENCIO, José Jesus. 1981. *Gramática y categorías verbales en la tradición Española (1771-1847)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- . 1985. *Subclases de palabras en la tradición Española (1771-1847)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- MESSNER, Dieter. Inédito. “La lexicografía bilingüe português espanhol”, Conferência apresentada ao Congresso da União Latina, San Milán de la Cogolla, outubro de 2003.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2005. “Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia” in M. A. Castillo et al. (coord.). *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Facultad de Filología de la Universidad de Sevilla. 675-682.
- . Inédito. “La gramática y el léxico en la enseñanza del español en Portugal durante el siglo XIX. Conferência proferida no Fachbereich Romanistik, Universität Salzburg, 17 de maio de 2006.
- . 2007. “Materiales para la enseñanza del español en Portugal y para la enseñanza del português en España: gramáticas, manuales, guías de conversación (1850-1950)” in G. Magalhães (coord.), *Actas do Congresso RELIPES III*. Covilhã/Salamanca: UBI/Celya. 59-86.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio & DUARTE, Sónia. 2005. “O contributo da obra lexicográfica de Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: o *Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa*”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Série “Línguas e Literaturas”. 22: 373-429.
- QUILIS MERÍN, Mercedes. 2006. “Ideas gramaticales en diccionarios españoles del siglo XIX: ell concepto de verbo” in A. Roldán Pérez et al. (ed.), *Caminos actuales de la historiografía lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Murcia: Universidad de Murcia. 1323-1334.
- SALAS, Pilar. 2005. “Los inicios de la enseñanza de la lengua española en Portugal”, in M. A. Castillo, et al. (coord.). *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Facultad de Filología de la Universidad de Sevilla. 799-804.
- SÁNCHEZ PÉREZ, Aquilino. 1992. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*, Madrid: Sociedad General Española de Librería.
- SILVA, Innocencio. 2001 [1858-1923]. *Diccionario bibliographico portuguez*, col. Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, 9, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses [documento eletrónico].
- TORRE, Manuel Gomes da. 1985. *Gramáticas inglesas antigas: Alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820*. Trabalho Complementar à Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- URCULLU, José. 1840. *Grammatica Inglesa reducida a veinte y cinco lecciones*. Porto: Tipografia Comercial Portuense.
- . 1848. *Grammatica Inglesa para uso dos Portuguezes*. Porto: Typ. Commercial.